Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 21
29 de agosto de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Começaremos aqui novamente, mas vou inverter a ordem, pois tem algumas perguntas aqui que deveriam ser o começo desta aula, já que são a continuidade natural da aula anterior.

Aluno: O senhor poderia me dar mais algumas explicações de como proceder ao trabalho no texto do Joseph Maréchal? Devo pesquisar todos os autores de que o texto faz comparação implícita e explícita, e fazer um resumo do pensamento destes autores?

Olavo: Não, não é isso. Você tem que achar exatamente aqueles pontos aos quais o autor Joseph Maréchal se refere. Não se trata de você conhecer toda a filosofia dos autores mencionados, mas apenas aqueles pontos para que você possa montar a figura do conflito na sua imaginação. Às vezes uma ou duas frases, como no caso do Heráclito: "Tudo flui", ou "Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio", e no caso do Parmênides: "O ser é, o não-ser não é". Do mesmo modo, para outros autores citados, não seria difícil você achar uma ou duas frases, mesmo porque todos os escritos que nos chegaram destes pré-socráticos são fragmentos, tudo o que nós temos são frases soltas, assim não é difícil achar a frase que se refere àquele ponto que o Joseph Maréchal está abordando. Esqueça o resto, não é o momento de você adquirir um conhecimento histórico da filosofia pré-socrática, cuidaremos disto mais tarde. Agora só quero que você monte a cena como se fosse num teatro: cada personagem falando as suas frases – que não podem ser muitas, apenas uma ou duas – de forma que você sinta a pressão do conflito a que Joseph Maréchal está se referindo. Nós continuaremos trabalhando neste texto nas próximas aulas, e pretendemos publicar este livro, mas, mesmo assim, as partes que nós vamos usar no curso serão entregues a vocês antes mesmo que o livro seja publicado. Não vamos entregar todo o texto, evidentemente, porque não vamos usá-lo todo, só algumas partes. Esse é um livro muito grande, em cinco volumes, e não haveria tempo de fazer uma leitura analítica dele inteiro. Por favor, não vão agora tentar dar uma repassada geral na filosofia pré-socrática para conhecer a filosofia de cada um, não é isso o que interessa no momento!

As pessoas, quando começam a estudar, elas têm muita avidez de adquirir conhecimento, de tornarem-se eruditas rapidamente, não é esse o problema. A erudição é uma coisa facílima de você adquirir a partir do momento em que possui os instrumentos mentais e a atitude mental correta. Forçar muito para adquirir erudição é bobagem. Em primeiro lugar, não acredito que ninguém possa render nos estudos estudando mais de três horas por dia. Isto é impossível. Eu não estudo mais que três horas por dia, é claro que eu tenho outras ocupações de ordem intelectual, escrevo para o jornal, escrevo o meu livro, mas estudo, mesmo? Duas a três horas por dia é mais do que suficiente. O que importa é você continuar o resto da sua vida e nunca pular nem um dia. Nunca pule nenhum dia sem estudar um pouquinho, mas sempre um pouquinho e, outra coisa, não abra um livro, não pegue um texto se você não está disposto a guardar aquilo na sua memória. Não se trata de esforço de memorização, jamais, esforço de memorização nunca funciona. O que importa é o interesse efetivo que você tenha pelo assunto que você está estudando, e este interesse é despertado justamente na medida em que você monta este teatro mental. É o dramatismo da situação que faz com que você se recorde dela.

Se você assiste a um filme, ou vê uma peça de teatro que tem um grande impacto sobre você na hora, você não precisa fazer nenhum esforço para recordar aquilo: passam trinta anos e você recorda. Com a leitura é a mesma coisa, com a diferença de que o drama que está sendo observado terá que ser montado na sua imaginação. O escrito só te dá o roteiro, ele ainda não é a peça encenada: você tem que preencher aquilo com vida. Esta é precisamente a técnica que o Paul Friedländer usa para explicar o Platão. O que ele faz? Ele monta de novo as situações, pega o texto e remete aquilo às situações reais ou imaginárias que deram origem àquele diálogo, de modo que, como diz a expressão popular, "você sente o drama". Se sentir o drama, está tudo resolvido, você nunca mais vai esquecer aquilo, e mais ainda: terá compreendido profundamente. É claro que esta absorção imaginativa profunda, este "deixar-se impressionar" que eu estou tentando ensinar a vocês, isto não é todo o trabalho intelectual que você pode fazer em cima destes textos. Há outros trabalhos, mais adiante, que exigem uma atitude exatamente contrária, exigem um afastamento, um distanciamento crítico, e talvez hoje ainda eu mencione pelo menos um dos trabalhos deste tipo que nós podemos fazer com o texto. Mas este que estou mencionando agora é o primeiro e o essencial, porque este é a absorção do material. Se você não tem isto, você não tem nada. Por exemplo, se o sujeito começa a fazer uma análise crítica antes de ter feito esta absorção imaginativa, ele desliza para fora do assunto, acaba inventando outro texto e analisando o texto que ele mesmo inventou. Esta é a doença do nosso ensino universitário hoje em dia, sobretudo no Brasil, onde você vê as pessoas se perdendo num intelectualismo bocó por falta do material, quer dizer, eles estão analisando uma coisa que eles não perceberam, uma coisa que não está na posse deles. Garantir a posse da mensagem é o principal. Se você não tiver tempo, ou não tiver cabeça para fazer depois uma análise crítica, não tem importância: a absorção profunda

está lá. Mais ainda, esta análise crítica – mesmo que você não a faça deliberadamente – se fará por si mesma ao longo dos anos. Você acaba percebendo coisas que não tinha percebido no primeiro momento, acaba fazendo analogias, acaba fazendo comparações, tudo isso é natural. Na verdade, o único esforço da vida intelectual é este, um esforço de autodomínio, controlar a sua mente emissiva, a sua mente criativa e, ao contrário, você se abrir para o que o outro está dizendo, tornar-se um bom ouvinte.

É como você estar num consultório de psicoterapia em que você é o psicoterapeuta. É claro que você tem suas idéias, tem seus problemas etc., mas naquele momento você tem que se esquecer de tudo isso e se abrir ao que o pobre do seu cliente está tentando falar. É exatamente disso que se trata. Esta absorção passiva só é passiva num sentido metafórico, inexato, na verdade há um esforço de autodomínio, de não deixar que, num primeiro momento, a sua mente construtiva crie raciocínios. Criar raciocínios é a coisa mais fácil do mundo; um computador, se você põe lá três premissas, ele cria um discurso inteiro; um macaco, se você der uma premissa, ele tira uma conclusão. Raciocinar é a coisa mais bocó do mundo, todo mundo sabe fazer isso, é uma coisa automática. O sistema silogístico é inteiramente mecanizável, portanto a diferença entre o sujeito burro e o inteligente não é que o inteligente pense melhor. Não, pensar melhor, ninguém pensa melhor do que o computador. A diferença é que o sujeito inteligente tem sobre o que pensar, tem materiais para pensar, logo o pensamento dele tem substantividade. **[0:10]** Esse deve ser o seu grande esforço, pelo menos no começo da sua carreira: você acalmar a sua mente e deixar que os outros falem, deixar que o livro que você está lendo fale, que a pessoa que está tentando explicar alguma coisa fale, que as percepções falem, que a realidade fale. Esse é o grande trabalho, aí é que você vai preencher de conteúdo o seu pensamento. É o negócio do Leibniz sobre as figurinhas, durante bastante tempo você vai se ocupar somente de ver as figurinhas, você não vai julgá-las, não vai analisá-las, vai simplesmente guardá-las na memória. Mais tarde, você fará o trabalho analítico. Podemos comparar estes dois momentos à ingestão de alimentos e à sua digestão. Se não houve ingestão, você vai fazer digestão do quê? Com esta mania de querer ser intelectual que as pessoas têm hoje, elas imaginam que têm que pensar muito. O que elas vão fazer? Elas acabam digerindo uma coisa que elas não ingeriram, se comem a si mesmas.

Recebi também uma carta muito interessante da Luciane Amato, na qual, referindo-se à aula que dei aqui sobre o negócio da imaginação, diz que sem este exercício da imaginação, sem esta posse dos nossos poderes imaginativos, não é possível sequer uma consciência autobiográfica.

Este é um ponto extremamente importante, pois onde é que o conhecimento que nós temos da nossa própria vida adquire unidade para nós? Onde é que esses vários dados que nós temos compõem uma figura, compõem um personagem e nos apresentam este personagem para nós mesmos? Só na imaginação, evidentemente. A memória, por si, não pode fazer isso. Além da memória, tem de

haver um esforço de juntar as várias partes. Sem imaginação a pessoa não pode sequer se conhecer biograficamente, ela não sabe quem ela é, e este é o grande problema. Há trinta anos, pelo menos, eu escuto as pessoas me contarem suas vidas. Eu conheço as vidas de muita gente, não só por biografias que eu li, mas por narrativas que ouvi, que as pessoas me contaram, às vezes buscando uma orientação, um conselho, coisa assim. E uma das coisas que mais me impressionaram nesta experiência foi como as pessoas sofrem mudanças ao longo das suas vidas que elas mesmas não percebem.

Por exemplo, uma mudança de opinião: o sujeito pensava isso, passa a pensar aquilo, e ele não tem consciência da mutação que sofreu e muito menos de por que aquilo mudou. Ou seja, não tem consciência das influências recebidas, não tem consciência do impacto que as experiências tiveram e, sobretudo, não tem consciência de quando é manipulado de fora, por isso não pode realmente contar sua vida. O próprio apego que nós temos à nossa auto-imagem acaba sendo uma coisa letal para a consciência autobiográfica. Por querer conservar a sua auto-imagem intacta você quer mantê-la, quando de fato ela não corresponde mais à realidade; aí você se esqueceu de quem é passa a falar sobre um personagem imaginário.

Outro exemplo, o amor que nós temos à integridade da nossa pessoa faz com que a gente sinta como insulto a idéia de que nós somos influenciados, de que algo de fora mexeu conosco profundamente, talvez em estratos inconscientes, por isso nós gostamos de atribuir essa mudança a nós mesmos, como se nós fôssemos os autores de tudo. Resultado: nós acabamos não tendo uma visão real de quem nós somos, de quais são as influências que sofremos. E se você não tem uma idéia exata das suas fraquezas, você não tem idéia exata dos seus poderes; se você não sabe quais são os seus pontos vulneráveis, onde você pode ser facilmente atingido, manipulado, enganado etc., como é que você vai adquirir um domínio de si? As pessoas se apegam a uma autodefesa orgulhosa da própria imagem, que as torna ainda mais fracas e vulneráveis.

Desde o início eu sugiro que vocês se abram para este conhecimento, perceber onde foram sutilmente influenciados. Muitas vezes, quando se fala em influências, as pessoas pensam em influência positiva, uma imagem ou idéia que se impôs a você. Ora, é claro que as maiores e mais decisivas influências que você recebe não são deste tipo, não são como uma propaganda positiva de alguma coisa. Não, a influência decisiva é feita por supressão de dados! São os dados faltantes, aqueles que, jamais entrando em consideração, saem completamente do seu panorama, e a ausência deles determina o curso que o seu pensamento vai seguir. Ninguém pode entender a situação existencial de hoje em dia se não levar em conta este fenômeno da mídia, da comunicação de massa que nos influencia 24 horas por dia!

Ninguém está imune a isto, se você pegar o maior sábio do universo, ele não estará imune a esta coisa. A imunidade é impossível. Nós estamos

permanentemente dentro de um meio lingüístico, destes símbolos, palavras, termos que circulam o tempo todo, entram pelos nossos ouvidos sem que os tenhamos chamado, e todo o repertório do que nós pensamos vem daí. Você só tem quatro fontes: a) a educação familiar que você recebeu — todas as palavras que você aprendeu com seu pai e sua mãe; b) a influência da família; c) a influência da cultura de massas; e d) a influência da alta cultura. Só tem estas quatro fontes e não há mais outras de onde você possa aprender palavras. Onde você aprendeu as palavras que você usa? Basta você pensar isto aqui: foi você que as inventou, são criação sua? Não! Todas vieram de fora, absolutamente todas, e estas palavras são o instrumento que você possui para se expressar até mesmo naquilo que você tem de mais íntimo. Para conversar com uma pessoa com a qual você tem intimidade você usa as mesmas palavras que aprendeu com os outros. Se vai a um consultório de psicoterapia, você quer contar seus problemas para o psicoterapeuta, você vai contar isso com os instrumentos que você recebeu da cultura. Se você está num quarto fechado com a mulher dos seus sonhos, e você quer mostrar seus sentimentos para ela, você vai dizer com as mesmas palavras que todo mundo tem. Nós nunca, jamais estamos isolados deste meio cultural em nenhum momento, e mais ainda, sem este constante fluxo de símbolos e palavras em torno de nós, jamais poderíamos ter nos personalizado ao ponto de podermos falar com alguma consciência de causa a palavra "Eu".

O seu "Eu", a sua verdadeira identidade, não é uma coisa que está dentro de você, isolada deste meio cultural, mas ao contrário, ela também faz parte da cultura. É dentro da cultura e dentro deste diálogo cultural que você adquire uma personalidade. Portanto, vamos acabar já com esta ilusão de isolamento. É claro que cada um de nós tem uma personalidade efetiva, esta personalidade tem uma forma mais ou menos descritível, ela é relatável e reconhecível por outras pessoas. Esta individualidade não é um engano, não é em si mesma uma ilusão. Mas nós temos muitas ilusões a respeito dela, aquilo que nós pensamos a respeito da nossa individualidade pode ser falso, e aquilo onde acreditamos estar expressando a nossa mais autêntica individualidade **[0:20]** também pode ser falso, na medida em que seja justamente o apego a uma auto-imagem que já não corresponde aos fatos, que já não corresponde ao seu estado atual. Este trabalho todo da imaginação é uma condição indispensável para o estudo da Filosofia porque um homem de mentira não pode conhecer a verdade. Se a sua personalidade está construída na base de falsidade, de ilusões, de enganos etc., a sua busca da verdade é tempo perdido, vai ser tudo fingimento. Acontece que o fingimento se incorporou de tal modo à cultura moderna que nenhum de nós pode escapar dele. Esta observação que a Luciane me envia, que sem esse trabalho da imaginação nós não podemos sequer ter uma consciência autobiográfica, quando li esta carta lembrei-me daquilo que dizia o Giordano Bruno: se insistirem neste negócio de materialismo, vocês vão acabar duvidando que vocês mesmos existem.

Vamos ver um pouquinho como é que funciona este negócio da imaginação: Tome qualquer percepção sensível que você tenha; por exemplo, agora estou

aqui e olho pela janela. Vejo uns carros, uma árvore etc. Tudo o que eu vejo, vejo necessariamente por um lado só, que é o lado de onde eu estou. Eu não estou vendo o outro lado, mas tudo tem outro lado, até uma folha de papel tem outro lado, e a gente nunca vê o outro lado, mas sempre sabe que ele existe. Isto quer dizer que eu só estou percebendo um lado e que o outro eu "invento", eu "crio" na minha imaginação? No começo da filosofia moderna as pessoas tiveram exatamente essa impressão, quer dizer, os dados sensíveis só nos dão uma parte do que nós percebemos, e o resto nós completamos com a nossa mente, com a nossa imaginação etc. Aos poucos eles foram vendo que a quantidade de informações sensíveis era mínima, e daí chegaram à conclusão de que a quase totalidade daquilo que nós pensamos saber sobre o mundo exterior é invenção nossa. Isso aí justifica, portanto, todo o Idealismo moderno.

O fato do qual o Idealismo moderno parte é muito importante, mas a conclusão que é tirada a partir daí, de que o mundo não é propriamente percebido, mas é inventado, criado pela nossa mente, é cem por cento errada. Como é que eu sei disso? Eu sei disso porque noto que o meu olhar tem a capacidade de visão tridimensional, ou seja, ele vê as coisas em profundidade. No entanto, cada objeto que eu pego, só o vejo de maneira chapada, só o vejo por um lado, de modo que minha visão tem uma capacidade a mais, que os objetos presentes, de certo modo, não satisfazem. Embora eu só possa ver as coisas por um lado, o meu olhar, instintivamente, naturalmente, ultrapassa esse lado e vai para além. Embora exista a barreira... Por exemplo, eu estou vendo a Isabela só por um lado, mas por acaso eu imagino que ela é uma figura bi-dimensional, uma ilusão do meu entendimento? Não, eu sei que a presença corporal dela tem uma densidade, uma tridimensionalidade. Eu sei disso porque meu olhar tem a capacidade da visão tridimensional, portanto é natural que o próprio olho complete a percepção de cada objeto com uma espécie de expectativa de sua tridimensionalidade. Ora, o meu olhar tem tridimensionalidade, mas os objetos também têm tridimensionalidade independentemente do meu olhar. Um cego pode perceber a tridimensionalidade através do tato, e nós sabemos necessariamente que os corpos só são corpos porque são tridimensionais, senão seriam apenas figuras num plano.

Aí há uma maravilhosa coincidência, um maravilhoso ajuste entre uma capacidade perceptiva que eu tenho, que é a tridimensionalidade, e uma propriedade dos próprios objetos. Portanto, o olho com capacidade de percepção tridimensional está maravilhosamente ajustado à estrutura real dos corpos. Isto quer dizer que aquilo que o olho não pode perceber diretamente, porque o exercício desta capacidade de percepção tridimensional é barrado pela própria presença do corpo opaco — que não pode ser atravessado —, então isso é completado na imaginação. Mas acontece que eu disse que o olhar é tridimensional e o corpo é tridimensional, mas no exercício é da percepção efetiva esta tridimensionalidade não se cumpre inteiramente na esfera do puro olhar, pois o olhar é completado pela imaginação. Mas ele é completado pela imaginação segundo as propriedades dos próprios objetos percebidos, ou seja,

nada foi inventado. Há apenas um ajuste da minha percepção à realidade do mundo percebido. E nós sabemos que esta tridimensionalidade estará presente em todos os corpos porque ser um corpo é ter uma tridimensionalidade e, portanto isto se aplica a tudo aquilo que existe no mundo.

Nós sabemos que, para além daquilo que o nosso olho enxerga, existe ainda presenças corporais tridimensionais em número ilimitado, e que não há intervalos nessa tridimensionalidade. Mesmo o que nós imaginamos como bidimensional, por exemplo, desenhado numa folha de papel... bom, você não diria que uma folha de papel é bidimensional! Ela tem uma espessura, porque uma folha de papel sem espessura não existiria, logo mesmo o que nós imaginamos do bidimensional é tridimensional. Nós concebemos o bidimensional como uma abstração mental, só por abstração mental, nós não podemos perceber nada bi-dimensional. Ou seja, a nossa percepção é forçosamente tridimensional porque a realidade é tridimensional. E o que nós chamamos de bidimensional é apenas a separação de uma parte das propriedades do mundo real que nós podemos conceber separadamente das outras partes, mas que não pode existir separadamente das outras partes. Estou dizendo isso para vocês verem a imensa adequação que existe entre a nossa imaginação e as propriedades do mundo real. A imaginação completa, de fato, a percepção, mas não o faz de acordo com a sua própria inventividade, e muito menos não completa simplesmente obedecendo à estrutura do nosso pensamento, da nossa percepção, mas obedecendo às propriedades reais que permitem a existência e a presença dos corpos.

O nosso conhecimento da unidade do mundo está inteiramente na imaginação. Não é uma percepção sensível, vai muito além da percepção sensível. Mas ela corresponde justamente àquilo que preenche de realidade a percepção sensível. Se pretendermos isolar aqui na nossa percepção tudo aquilo que é elemento imaginário e reduzi-la à pura estimulação sensível. . . Bem, nós sabemos que o olho humano só fixa um ponto de cada vez. Um, e um único. Se você está vendo uma paisagem enormemente complexa, o foco do seu olho está somente num ponto e o resto você está vendo de maneira difusa. Mas como este ponto se desloca, **[0:30]** a unidade daquela paisagem aparece a você, mas não aparece de maneira sucessiva, não aparece aos poucos, aparece de maneira simultânea. O foco do olhar se desloca no tempo: um ponto, outro ponto, outro ponto, outro ponto etc., mas você está percebendo a paisagem como um todo. Pergunto eu: os elementos da paisagem existem de maneira sucessiva ou estão todos lá ao mesmo tempo? Eles estão lá ao mesmo tempo. Isto significa que o aporte imaginário que está completando o trabalho do seu olho é que dá a você o senso de realidade. Isto aqui é absolutamente fundamental.

Na cultura de hoje, está impregnada a seguinte idéia: nós existimos em um mundo físico composto de seres acessíveis aos sentidos, e tudo o mais é criação da nossa mente, individual ou coletiva, é criação cultural. Ah é, Zé Mané? Isto que você está chamando de mundo físico, acessível aos sentidos, isto jamais existiu. Se você somar todas as impressões sensíveis que você teve ao longo da sua vida,

elas não compõem o mundo, elas são um nada; e você, assim, viveria num mundo absolutamente subjetivo composto apenas das suas sensações, que são, afinal de contas, coisas que acontecem no seu corpo. Quando você percebe uma imagem, um som, um gosto, um toque, onde aconteceu isso aí? Aconteceu no seu corpo. Se esta fosse a realidade você viveria cercado em um mundo inteiramente subjetivo constituído apenas dos estímulos que o seu corpo recebe. Você jamais teria idéia de uma constituição objetiva do mundo.

Nós chegamos à constituição objetiva do mundo através de quê? Através da imaginação, que completa a percepção. Longe de a realidade ser constituída das estimulações sensíveis e o resto ser tudo criação subjetiva humana, é ao contrário. A objetividade do mundo, a presença unitária do mundo é percebida pela imaginação. E aquilo que nós chamamos de percepção sensível nunca existe separadamente, nós só podemos falar de percepção sensível no sentido abstrativo, porque toda e qualquer percepção sensível está sendo completada pela imaginação e pela memória no mesmo momento, não existe uma percepção isolada, atomística. A concepção de percepção sensível, de sensação, é totalmente abstrativa. Não existem sensações, só existem sensações como componentes da percepção total, a qual é constituída, sobretudo, de imaginação. Ou seja, a imaginação nos instala na realidade usando vários elementos: alguns presentes, sensações recebidas; outros, anteriores, depositados na memória; outros, estruturados na sua imaginação imediatamente com esses dois elementos. Mas é isto que nos coloca no mundo real. O mundo real é essa totalidade do percebido, do imaginado, do antecipado etc., porque tudo isto é percebido, imaginado e antecipado de acordo com as propriedades reais dos objetos.

Se nós abstraímos tudo isso e sobrarem só as percepções sensíveis, bom, as percepções sensíveis não constituem um mundo de maneira alguma, constituem apenas o conjunto das alterações que o meu corpo sofreu. Ora, uma ameba tem sensações; a prova é que, se você a cutuca, ela se mexe. Este mundo subjetivo existe até em uma ameba, o que ela não tem é a imaginação. Ela não chega a captar esta dimensão de realidade, ela capta apenas a dimensão do que o Xavier Zubiri chama de estimulidade, ou seja, aquilo que afetou o corpo dela. Isso é a mesma coisa que dizer que o mundo da ameba é constituído exclusivamente do corpo dela. O que tem em volta é percebido apenas como alterações sofridas dentro do corpo dela. Para a ameba não existe mundo, existe somente ela! A subjetividade corporal dela. Se o mundo real fosse constituído apenas dos entes sensíveis, com as informações sensíveis que eles podem nos dar, nós viveríamos no mundo da ameba, só perceberíamos nossas próprias alterações. Se nós vivemos em um mundo real – nós sabemos que os objetos têm propriedades, têm presença, que eles se articulam uns aos outros, que formam a unidade da presença do ser – nós sabemos tudo isso porque temos imaginação. A imaginação não é feita para tirar você do real, mas para instalar você no real, meu Deus do céu!

Há mais outro motivo pelo qual a imaginação é tão importante para o conhecimento do real. Vamos supor que você vem caminhando por uma rua e vê um cachorro deitado: ele pode, quando vê você, abanar o rabo, não ligar para você, começar a latir, atacar ou pode fugir. Mas ele não vai sair voando, não vai cumprimentá-lo em alemão, e tem uma série de coisas que ele não vai fazer, ou seja, na hora em que você percebe o cachorro, existe esse conjunto de expectativas quanto ao que ele pode fazer e é esse conjunto de possibilidades que faz com que ele seja um cachorro, porque se for um cachorro empalhado não será um cachorro e você sabe que ele não fará nada. Você sabe a diferença entre perceber um cachorro empalhado e perceber um cachorro. Por que você sabe que é um cachorro? Porque ele tem forma externa, figura de cachorro? Não, porque um cachorro empalhado também a tem. Você percebe que é um cachorro porque ele tem as potências de um cachorro, quer dizer, há um dinamismo dentro dele, e esse dinamismo mostra várias possibilidades de ação que ele pode realizar no instante seguinte. E você percebe isto imediatamente, é por isto que você sabe que é um cachorro.

Isso quer dizer que o que nós chamamos de realidade jamais é constituído somente da presença estática dos corpos, mas é constituído de um sistema imenso de dinamismos e possibilidades que estão latentes naquele momento mesmo, prontas a acontecer. No instante seguinte – ora, se você fosse privado da percepção destas potências, você não entenderia nada do que está acontecendo em volta – estaria completamente fora da realidade. Através da imaginação você capta este conjunto – não ele inteiro, evidentemente –, mas um conjunto imenso de possibilidades, inclusive com relação ao seu próprio corpo. Como é que você percebe o seu próprio corpo? Como simples presença tridimensional agora ou como potência, como possibilidade? Por exemplo, eu posso fazer esse gesto. E se eu mandasse minha mão se mexer e ela não se mexesse? Seria muito esquisito. Isto quer dizer que a percepção do mundo real é a percepção de um conjunto imenso de dinamismos e potências e não a presença, a percepção simplesmente de corpos estáticos. Ou seja, amputado da dimensão do potencial ou do possível, o mundo real não é mais mundo real, é uma fantasmagoria estática que nunca existiu.

Veja a profunda estupidez que existe em pensar que o mundo real nos é dado pela percepção sensível, e o resto, tudo o que vem da imaginação é irreal, **[0:40]** é criação nossa. Não, isto não é uma criação nossa, é o ajuste da nossa consciência à estrutura do mundo real. É pela minha antecipação do que o cachorro pode fazer que eu sei que ele é um cachorro. Se eu não conseguir antecipar nada eu não posso distinguir um cachorro de um cachorro empalhado ou de um gato. Vendo o cachorro ali deitado eu sei, com certeza absoluta, que ele não vai miar, nem fazer piu-piu, nem conversar comigo em inglês ou português ou alemão. Eu sei que ele não vai fazer nada disso. Esta expectativa que eu tenho é só expectativa, existe só na minha mente? Como existe só na minha mente? Se eu não percebi este potencial no cachorro eu não percebi o cachorro, mas se o cachorro não tiver este potencial ele não será um cachorro! Isto não está na

minha mente, está nele! As possibilidades que eu percebo não estão em mim, estão nele! E é porque eu as percebo nele que eu sei que é um cachorro, e é porque ele possui estas possibilidades que ele é um cachorro. Esta antecipação não está criando nada, isto é a percepção.

Por que nós não podemos dizer que existe a percepção sensível e em cima a imaginação que cria um monte de coisas? Porque o momento presente, que pode ser percebido exclusivamente por sensação, não está separado do seu momento seguinte, que só existe como potencial. O potencial está presente nele. Vocês estão acompanhando isto aqui? Se eu fosse reduzido apenas aos meus cinco sentidos eu não perceberia nada, absolutamente nada! Nada! Nada! Ora, qual é o correlato objetivo das sensações? É a presença material. Ou seja, um mundo que fosse constituído de presenças materiais seria absolutamente irreal, porque ele não teria o potencial. Do mesmo modo que se eu percebesse só com os sentidos, e não tivesse antecipação, eu nada perceberia de real. As próprias coisas, se elas fossem desprovidas do seu potencial e tivessem apenas sua presença corporal, não poderiam existir de maneira alguma, seriam apenas conceitos. Onde existe um objeto composto apenas de suas propriedades físicas dadas e onde existe uma pura percepção sensível no ser humano? Só no mundo dos conceitos. Isto é um produto mental.

O famoso mundo material que constitui a realidade é puramente mental, só existe como conceito, não existe como realidade. Existe como conceito porque nós conseguimos abstrair, então nós supomos que, numa percepção real qualquer – percepção preenchida de todos os seus elementos – eu posso mentalmente, retroativamente, separar, na minha mente, o que é um elemento de antecipação, um elemento de imaginação, um elemento de sensação. Não é que eu posso separar, eu posso distinguir, mentalmente, mas não posso separá-los na realidade, nem por um único momento. Isso aqui é o suficiente para entender que qualquer sujeito que diga para vocês que é um materialista é uma besta quadrada. O sujeito que é materialista não examinou o problema por dois minutos e não é capaz de fazer isso. O materialismo é uma simples doença mental; não é uma doença mental, é uma doença do intelecto, uma falta de inteligência. O mundo real não é composto de matéria, ele é composto de uma infinidade de dinamismos, de potencialidades que estão se desenrolando o tempo todo, e que chegam a nós não através da percepção sensível, mas através da imaginação. Ou seja, nós vivemos dentro deste mundo imaginário, por assim dizer, dentro deste conjunto de possibilidades, deste conjunto de tensões. Eu estou falando com vocês agora, eu nem estou vendo a maioria de vocês, mas eu sei que vocês estão ouvindo e que o que eu estou dizendo tem algum efeito em vocês: desencadeia idéias, associações de idéias, imaginações, reações emocionais etc. Toda esta tensão está aqui presente. Se eu me esquecer disto e imaginar que estou aqui apenas falando sozinho dentro de uma sala, eu estarei na realidade? Não, aí é que eu terei fugido da realidade. Toda esta presença de vocês é, para mim, no momento, “apenas” imaginária. No entanto, é ela que é a realidade desta situação.

Toda essa primeira etapa do nosso curso se destina a fazer vocês tomarem posse desta capacidade que todos nós temos de percepção do mundo como coisa real, como coisa viva, presente, atuante que se desenrola no tempo, e que contém a cada momento, além dos dados já presentes, um conjunto de tensões e potenciais que marca a sua verdadeira presença. Em nenhum momento da sua vida, mesmo um momento infinitesimal, você esteve diante de um mundo estático constituído apenas de presenças corporais. Mesmo que estivesse em um deserto, onde só há areia e pedras, você sabe que no instante seguinte o sol pode assá-lo. Se não tivesse consciência disto, você saberia que estava no deserto? Só porque está vendo areia e pedras? Não, você estaria fora da situação real, estaria apenas vendo uma aparência ilusória de areia e pedras e não um lugar real e efetivo chamado deserto. A mudança da temperatura... Você acha que a temperatura vai ficar estática? Todo mundo sabe que, num deserto, de dia é um calor infernal e, de noite, é um frio temível. Você sabe disso, sente a mudança da temperatura e sabe que ela vai mudar mais depois. Se não soubesse disso e imaginasse somente a temperatura atual como uma coisa estática... Pergunto: existe temperatura estática? Não, temperatura é mudança de temperatura. Temperatura estática jamais poderia ser percebida. A temperatura é percebida através das suas modificações. Mais ainda, a temperatura é percebida porque a temperatura do ambiente não é a mesma do seu corpo, há uma diferença, senão você não perceberia.

Perceber o mundo real é perceber possibilidades, tensões, expectativas. É assim que nós percebemos no mundo real, mas os professores de filosofia não, eu acho que eles percebem de outra maneira. O próprio conceito de materialismo não é enunciável sem autocontradição, não pode nem mesmo ser pensado como hipótese. Você pensa que existe o mundo material, e, como nós temos um cérebro, inventamos outras coisas para além do mundo material, porém tudo isso que nós inventamos é exatamente a presença do mundo material. Se reduzido às suas propriedades “materiais”, o mundo não poderia sequer ser material. Porque o que você chama de material é apenas uma seleção abstrativa de certas propriedades dentre as inúmeras que você percebe e que hipoteticamente você chama de materiais, **[0:50]** mas que não são percebidas separadamente. Jamais são percebidas separadamente. Todo o conhecimento que nós possamos adquirir da Epistemologia, da Teoria do Conhecimento deve ser obtido através da análise da percepção real, da análise do conhecimento real, e não através de hipóteses artificiosas. O conhecimento real é aquele que é obtido na experiência real, na experiência efetiva e não na experiência hipotética. O que é uma experiência científica? É uma experiência hipotética montada dentro do campo da experiência real e que só tem validade dentro do campo da experiência real. Quando um sujeito, baseado em uma experiência científica, nega a consistência da experiência real, pretendendo que a experiência científica tenha mais validade cognitiva que a experiência real, ele está incorrendo em uma autocontradição monstruosa. Se ele realizou efetivamente esta experiência, ele não a realizou só dentro laboratório, mas dentro da realidade. Onde estava o laboratório dele? Se

ele realizou realmente a experiência, ele a realizou dentro da realidade. Ela só tem validade quando inserida dentro desse campo da experiência real. Sem esse campo ela não tem validade nenhuma, não significa nada! Nada! Nada! Jamais uma ciência em particular ou os resultados delas todas se podem sobrepor à percepção comum e corrente que nós temos da realidade. Jamais! Nós podemos apreender, mediante o exame analítico da recepção comum, mas nós não podemos superá-la. Onde vamos superá-la? No mundo hipotético ou no mundo real? Aquilo que o Husserl chamava o *Lebenswelt* — o mundo da vida — na verdade eu acho esse conceito demasiado tímido, porque o *Lebenswelt* é o único mundo que existe, e eu asseguro a vocês: o mundo da experiência científica, considerado em si mesmo, não existe. Ele só existe como uma parte do *Lebenswelt*, que você decidiu olhar separadamente, você está distinguindo mentalmente, mas não está separando de fato. Isso quer dizer que, sem uma Ontologia e uma Epistemologia baseadas no exame da experiência real nenhuma ciência vale nada, elas só adquirem valor se devidamente inseridas dentro deste esquema geral da realidade.

O Jean Piaget, no livro *Sabedoria e Ilusões da Filosofia*, diz o seguinte: só o que dá conhecimento efetivo são as ciências, a filosofia dá apenas um senso de orientação e de valores. Medite sobre esta frase. Ele acha que conhecimento efetivo é aquele que foi dado pelo experimento científico e, ao lado do conhecimento, existe um enfeite, o qual é um senso de orientação e de valores. Acontece que, para saber se esse experimento científico é verdadeiro e se é válido - isto é uma questão de orientação e de valores. Onde existe conhecimento científico exceto dentro do campo de orientação e de valores? Ele nunca existiu em si mesmo, ele é apenas uma invenção da mente. Ora, se o senso de orientação que permite você julgar um experimento científico não é em si mesmo conhecimento, o resultado do experimento científico também jamais poderá ser conhecimento. Cá entre nós, eu sempre considerei o Jean Piaget uma besta quadrada. O que ele fez de malefício para a psicologia e a educação é imensurável. É um autor que, sinceramente, da primeira a última linha que ele escreveu eu jogaria no lixo. Tudo! Não sobra nada! É tão cheio de preconceitos, tão cheio de erros monstruosos de observação que não espanta que ele tenha adquirido, na educação brasileira, a importância que ele adquiriu, porque brasileiro só gosta do que não presta.

Quando Jean Piaget acerta alguma coisa, ele sempre acerta dentro do contexto errado. E ele faz isso por quê? Por presunção, é um homem presunçoso, metido. Eu acho que a profissão acadêmica faz bem para umas pessoas, mas faz mal para outras. A umas, ela inspira uma modéstia, um cuidado, uma prudência, mas a outras ela infla de tal modo, que o sujeito acha que ele é mesmo o representante do conhecimento objetivo, e que os outros têm apenas opiniões, imaginações etc. Na hora em que o sujeito pensou nisso, ele já ficou psicótico, porque conhecer a realidade é próprio do ser humano em geral, é próprio até do mais burro dos seres humanos — até o Lula conhece a realidade, gente! Conhecer a realidade não é nenhum privilégio.

Eu lembro que anos atrás eu li um livro de lógica que era muito usado no ensino universitário brasileiro, do autor Louis Liard. Ele começava por dizer o seguinte: que é muito difícil conhecer as essências das coisas, que você só pode conhecer através de um longo exame analítico. Se eu não conheço a essência daquilo que eu estou examinando eu estou examinando o quê? Como é que eu poderia, através do exame de várias aparências, obter uma essência? Uma essência é aquilo que uma coisa é. Mas se eu não sei o que as aparências são, o que eu posso examinar delas? Por exemplo, eu examino várias aparências de gato para chegar à conclusão de uma essência gato. Porém, a aparência de gato também não é uma essência? A aparência de gato é alguma coisa. Ora, se para eu chegar à essência de gato eu preciso examinar várias aparências de gato, e se as aparências de gato, por sua vez, não são essências, eu precisaria examinar vários componentes, até chegar à essência chamada aparência de gato. Por exemplo, aqui tem a cor do gato, jeitão de gato, miado de gato; cada um desses componentes eu teria de examinar para chegar a montar uma essência chamada aparência de gato. Porém, meu Deus do céu, cada um desses componentes também não é uma essência? A cor de gato não é cor de gato? Ela é uma essência. Isso significa o seguinte: se eu não conheço as essências dos objetos na primeira, instantaneamente, eu jamais as conhecerei, jamais chegarei a essência alguma. Essência das coisas é a primeira coisa que você conhece que é o que as coisas são. Eu sei que um gato é gato, sei que cor de gato é cor de gato e que aparência de gato é aparência de gato e, no entanto, esta besteira descomunal foi ensinada – este livro é do século XIX – durante um século. Esta coisa foi usada no ensino secundário e até universitário. O que acontece com a cabeça humana quando ela é convencida disso? “Ah, eu não conheço a essência de nada, só conheço aparências. As essências eu só conhecerei se eu estudar o livro do Louis Liard e depois estudar o Bertrand Russel, estudar não sei o quê, para aí conhecer as essências, depois de muito trabalho.” O que acontece com a mente convencida disso? Primeira coisa: ela acabou de cortar relações com a sua própria percepção do mundo real. Ela está fazendo uma coisa — o processo cognitivo dela que está se desenrolando neste mesmo momento é um — e o que ela pensa a respeito é outra coisa completamente diferente. Nesse mesmo instante ela perdeu a capacidade de examinar a experiência real. E, se não tomar cuidado, perdeu para sempre.

Nós sabemos que a maior parte das pessoas vive num mundo onde tudo é constituído de dúvidas e de incertezas. **[1:00]** O sujeito jamais pode afirmar nada a partir de sua experiência real porque ele está persuadido de que tudo são apenas aparências e de que as idéias que ele forma a respeito são apenas opiniões; quem o ensinou a pensar assim foi a escola, o ensino. Isso é uma opressão do intelecto, uma escravização da inteligência. Isso é a destruição da inteligência porque você perde a confiança no intelecto já no primeiro passo que dá. Se você perde a confiança no seu próprio intelecto, qual é o padrão de certeza que você pode ter na vida? Você pode viver na incerteza total? Jamais. Ninguém consegue

viver na incerteza total. Você vai se apegar à opinião do seu professor, do seu grupo.

Hoje em dia, quase todas as pessoas dizem que não há verdades absolutas, que tudo é relativo; mas experimente questionar uma única opinião delas: elas ficam bravíssimas no mesmo instante. Elas querem dizer: “Não existe nenhum conhecimento objetivo de nada, a única autoridade sou eu e o meu grupo, a minha turma.” Este é o *modus raciocinandi* que se usa hoje em dia, o único admitido em todas as discussões públicas. Não pode haver teste objetivo do que quer que seja; só existe o valor da opinião dominante. Nós estamos num estado de opressão mental como nunca existiu na história humana. Esse é o resultado do iluminismo. O Iluminismo começa a dizer que nós temos de seguir a razão, que nós não podemos seguir o argumento de autoridade; mas, passados dois séculos, eles criaram o argumento de autoridade mais indiscutível, mais inquestionável, mais dogmático que existe no mundo, no qual a simples hipótese de você dizer “não” já o configura como doente mental. Não há mais teste racional de coisíssima nenhuma. O culto da razão terminou na total destruição da razão e na sacralização da opinião dominante. Experimente, contra uma opinião dominante qualquer, levantar qualquer fato comprovado; um fato. Vão dizer que você é louco. Isto é assim em todos os domínios. E será que isto é assim só entre os populares, mas existe uma camada de intelectuais que raciocina independentemente? Não, são justamente os intelectuais os que impõem este tipo de coisa.

Se for para aceitar isso, você desistirá da sua condição de animal racional e se imbuirá do espírito da horda e jamais chegará a enxergar algo com seus próprios olhos. Aquela famosa pergunta de Groucho Marx — “afinal, você vai acreditar em mim ou nos seus próprios olhos?” — já está respondida de antemão: você tem de acreditar no que dizem; jamais nos seus próprios olhos. O que se criou hoje e está sendo imposto ao mundo inteiro pela mídia praticamente universal, é um conjunto de dogmas absolutamente imbecis que implicam, realmente, na destruição total e, provavelmente, irreversível da inteligência humana. É por isso que nós atravessamos hoje, não um problema histórico, mas uma crise de dimensões antropológicas. Se nós não tratarmos de preservar as capacidades de cujo exercício esta turma está querendo nos privar, essas capacidades desaparecerão mesmo!

Mesmo as pessoas mais inteligentes, hoje em dia, ficam aterrorizadas quando começam a pensar uma coisa diferente do que sai na mídia. Elas sentem que ficaram loucas, que perderam o chão. Mas o que é isso, minha gente? Ao longo de toda a história humana, sempre existiu gente que percebia o que os outros não percebiam. Não é só ser humano; macaco tem essa capacidade. Não lembro onde eu li esse exemplo, mas é interessante: uma tribo de macacos está acostumada a buscar bananas em certo lugar, mas um macaco mais curioso descobre um manancial de bananas, melhores e em maior quantidade, em outro lugar; quando todos saem daqui para buscar banana ali, ele vai na direção contrária. Esse

macaco é imediatamente rejeitado pela tribo; só que, aos poucos, vai algum macaco atrás dele — os outros também são curiosos: “vamos ver o que esse cara vai fazer lá” — e, no fim, acaba toda a tribo indo buscar banana no outro lugar. Essa capacidade, que até os macacos têm, está sendo negada para nós. Note bem: tudo o que foi descoberto no mundo — absolutamente tudo — foi descoberto por indivíduos. A descoberta coletiva é impossível, pois seria necessário um sincronismo maior do que todas as loterias do mundo. Quem descobre uma coisa, descobre algo que os outros não sabem. Absolutamente tudo o que o ser humano sabe foi assim: alguém percebeu antes que os outros tivessem percebido, depois vem outro, e outro; e, no fim, todo mundo fica sabendo daquilo. Isso é simplesmente um processo natural; processo que está sendo detido hoje. Podemos dizer que as pessoas estão fazendo isso por boa intenção? É claro que não! Quem está nos impondo isso são psicóticos — gente perigosíssima —, mas estão cheios de dinheiro no bolso para comprar um monte de consciências; e as pessoas servem a isso porque não são capazes de medir as conseqüências.

Quem denuncia — por exemplo, um político ou um governante de estar tramando tal coisa, ou qual coisa — é acusado de teoria da conspiração e, já imediatamente, a suspeita recai sobre o acusador. William Butler Yeats, o grande poeta, dizia que a capacidade mais poderosa e mais infame do jornalismo é a de repetir inúmeras vezes um nome associado a algo de ridículo ou de maligno. Basta fazer isso mil vezes sem prova e, sobretudo, sem discutir — a idéia não é colocar em discussão, mas dar aquilo como se fosse de domínio comum —; algo que nem chegou a ser discutido e que ninguém sabe, na verdade, é dado como se fosse já provado e de domínio comum — e um dos termos favoritos para isso é “teoria da conspiração”.

Como é possível que a acusação de teoria da conspiração tenha adquirido tanta eficiência justamente na época da história humana que usou do segredo como nenhuma outra anterior? Até o séc. XX, os serviços secretos só atuavam para determinados fins muito limitados, principalmente em situações de guerra; mas quando veio o séc. XX foi criado algo chamado KGB, que não era um serviço secreto como os outros. A KGB investigava e coordenava tudo: desde as atividades bélicas do inimigo até a vida particular dos próprios cidadãos — ela se tornou uma espécie de administração geral de tudo — e tudo isso era secreto. Vasili Mitrokhin, em depoimento para o historiador inglês Christopher Andrew, conta que ele era o gerente encarregado da mudança de edifício da KGB e que tudo que saía de um edifício para o outro tinha de passar por ele para assinar e carimbar. **[1:10]** Havia dezoito bilhões de dossiês na KGB — a população da Terra, atualmente, acho que é sete, ou oito bilhões; naquela época, com população menor, já existia mais de um dossiê para cada ser humano — e, graças a isso, a mudança, tirar todos os dossiês daqui e botar em outro prédio, levou dez anos. Toda essa massa de informações só é acessível aos funcionários da KGB. Isso quer dizer que tudo o que se passou no mundo soviético, durante toda a duração do império soviético — e até hoje, na verdade — é secreto. Como, então, em uma

época dessas, você pode ser contra as pessoas especularem conspirações se o próprio sistema normal de administração das coisas virou conspiração?

Hoje em dia, está surgindo, aqui nos EUA, o seguinte problema: dois trilhões de dólares foram distribuídos no chamado *stimulus* do Obama e o *Federal Reserve* se recusa, absolutamente, a publicar quem recebeu esse dinheiro. São dois trilhões de dólares em empréstimos secretos e você não pode falar de conspiração. Sem o conceito de conspiração — conspiração é tramar uma coisa em segredo —, nada no século XX, absolutamente nada, é compreensível porque as pessoas não só tramam em segredo, mas o segredo é oficial e a tentativa de vazá-lo é considerada criminosa. Eles tomam o seu dinheiro através de impostos, o dão para quem quiserem e você não pode saber? Isso não está acontecendo na URSS, é aqui nos EUA, terra da democracia e da liberdade de imprensa. É verdade que, essa semana, um juiz federal já decretou que na semana que vem o *Federal Reserve* vai ter que entregar o serviço, mas aposto que até o último momento eles vão se recusar, porque o presidente do *Federal Reserve* disse que isso pode ser catastrófico para as entidades que receberam dinheiro. É claro que vai ser catastrófico; mas, se ninguém souber qual é o segredo, vai ser catastrófico para quem pagou!

Esta é a época na qual nós vivemos. A dimensão da atuação dos serviços secretos — especialmente no mundo comunista e no mundo islâmico — é uma coisa monstruosa e você não pode entender uma só decisão política sem especular os elementos secretos envolvidos; é impossível. Toda a política do século XX é constituída de conspirações; a parte que é decidida em público, por razões transparentes, é mínima. No entanto, o público, quando vê alguém acusado de teoria da conspiração, já pensa que o sujeito é louco. Louco é quem não faz nenhuma teoria da conspiração. Hoje, para você descobrir tudo o que aconteceu, tem de especular o elemento escondido; senão você não vai entender. Pior ainda: quando você especula uma parte dos elementos escondidos, e a outra parte falta, você não entende nada.

Vejam até que ponto este império da opinião dominante se tornou uma coisa estupidificante — e perigosa mesmo — para a inteligência humana. Se as condições mínimas para a investigação e entendimento de qualquer coisa lhe são negadas, o capítulo seguinte é você simplesmente desistir de saber o que está acontecendo, baixar a cabeça e dizer: “agora eu vou ser dirigido por fatores desconhecidos, mas eu confio neles, eu tenho fé neles”. Eu também sou dirigido por uma coisa que eu não vejo e na qual tenho fé: é Deus; não o *Federal Reserve*, não o governo Lula. Esta mesma atitude de submissão ao mistério que tinham para com Deus, hoje as pessoas a têm para qualquer *Federal Reserve*. Eu não estou exagerando quando digo que isso é uma crise de dimensões antropológicas: isso é a abdicação geral de capacidades e direitos humanos fundamentais.

Eu inventei este curso para responder, não só a uma situação brasileira do momento, mas a uma crise antropológica. Dentro de um mundo de obscuridade geral, aqueles que conservarem, praticarem, fortalecerem essas capacidades serão pequenos pontos de luz e servirão como única orientação possível. Os próprios geradores da obscuridade também vão precisar dessa orientação, porque, sempre que você esconde alguma coisa, esconde alguma coisa que está sabendo, a não ser que a esconda tão bem que você mesmo esqueça — o que realmente acontece às vezes —, e na política, em geral, isso acontece com uma freqüência assombrosa. Aquilo que foi escondido passa a ser esquecido pelo próprio sujeito que escondeu. E daí ele já não sabe mais o que está fazendo. Nós vivemos isso hoje com uma freqüência assombrosa.

Este assunto é gravíssimo. É necessário muita seriedade e muita capacidade para poder orientar-se no meio disto e as pessoas, quando não têm esta retaguarda intelectual e se metem nisso, criam uma fantasia monstruosa e, aí sim, é teoria da conspiração. Por exemplo, o Armindo Abreu, no livro *O Poder Secreto,* descreve esses camaradas do Governo Mundial como “os controladores”. Você acredita que eles realmente controlam? Não, eles escondem, manipulam, mas não controlam, evidentemente. Ninguém pode coordenar coisas desse tamanho sem se atrapalhar e esse pessoal se atrapalha o tempo todo; ou você acha que eles, só porque têm muito dinheiro no bolso, têm um monte de intelectuais trabalhando para eles, eles agora viraram anjos, eles são forças cósmicas que controlam o curso da História? Este tipo de política conduzida através da ocultação se oculta a si mesma e perde absolutamente o controle do que está fazendo: quanto mais eles pensam controlar, menos eles não controlam coisa nenhuma.

Kenneth Maxwell — grande historiador etc. —, no dia em que foi no CFR (Council on Foreign Relations) e assegurou que o Foro de São Paulo não existia, disse isso para umas trezentas pessoas — pessoas importantíssimas, pessoas de poder: presidentes de empresas, senadores, comandantes militares, chefes de ordens maçônicas —; e quantos, desses trezentos, sabem que o Kenneth Maxwell está mentindo? A maioria não sabe, então está aqui um controlador enganando os outros controladores. Em quê você acha que vai dar os planejamentos que eles fazem? E o que impede que um sujeito se levante do outro lado da mesa e conte outra mentira, na qual o Kenneth Maxwell vai acreditar? **[1:20]** Não há ninguém controlando o fluxo de verdade e de mentira; isso é uma inter-manipulação de cegos, loucos, cheios de dinheiro no bolso, e com uma capacidade imensa para enganarem-se uns aos outros. E é esta gente que ‘dirige’ o mundo hoje.

Faz-me rir ouvir falar a palavra ‘transparência’ hoje. A transparência em qualquer domínio da realidade está proibida, exceto para aqueles que sejam capazes de obtê-la à força, que é precisamente no que eu estou sugerindo que vocês se transformem: pessoas capazes de furar esse muro, essa rede de enganação mútua, e descobrir, mais ou menos, o que está acontecendo mesmo. Há muitos anos eu não me deixo guiar por ninguém mais não porque eu seja um sujeito

orgulhoso, que não siga ninguém — eu sigo a Igreja, sigo o Evangelho... (com ‘sigo’ eu quero dizer que eu faço uma forcinha para seguir), mas não sigo nenhum partido político, não sigo nenhum desses gurus que estão por aí —, mas porque não há alternativa. Eu me vejo obrigado a investigar por mim mesmo porque não dá para acreditar em ninguém. O número de pessoas sinceras é mínimo e mesmo as pessoas sinceras... Veja que eu sou um homem sincero e não dá para acreditar em tudo o que eu digo, apenas no que bater com a sua experiência. Eu não estou aqui tentando passar uma verdade pronta para acreditar, estou apenas ensinando uns truques para você descobri-la. Esses truques funcionam. Você vai saber que funciona só porque eu estou falando? Não, experimente! Pelas cartas que recebo eu vejo que vocês têm experimentado e que está funcionando; de repente vocês começam a perceber o que não percebiam. É claro que eu não posso, daqui onde estou, controlar os efeitos que isso vai ter nas mentes de todos vocês; cada um está descobrindo coisas nos lugares aonde olha e é isto o que eu quero: um florescimento de inteligências poderosas, capazes, valentes, que não tenham medo de olhar as coisas sozinhos e de descobrir a realidade.

A gente precisa lembrar o que dizia Hegel: “o medo de errar é, na maior parte dos casos, o medo de descobrir a verdade.” Às vezes a verdade é horrível, e às vezes ela é tão decepcionantemente ridícula, que o cidadão médio hoje tem medo de descobri-la; e a necessidade de encobrir, de manter mentiras, é uma coisa tão obsessiva, tão louca, que as pessoas estão aterrorizadas. O sujeito que se fecha dentro de uma mentira — sabendo que é mentira, mas tendo que defendê-la para não gerar insegurança, sobretudo insegurança dele próprio — está no fundo da loucura e ele está dizendo que o louco é o outro que está querendo saber a verdade. A coisa virou de cabeça para baixo, os loucos tomaram o hospício: é o Doutor Mabuse — do filme profético de Fritz Lang — que, lá de dentro do hospício, internado no manicômio judiciário, está coordenando uma movimentação revolucionária lá fora, usando como instrumento o diretor do hospício. Ele dominou mentalmente o diretor do hospício e este obedece às ordens dele. É o que está acontecendo hoje, minha gente.

Eu vejo, por exemplo, que a noção de prova objetiva — documentos primários — já desapareceu da mente das pessoas. Se eu chego para um sujeito e digo que ele me deve tanto, o cara me diz: “prove!”; e, quando eu mostro a promissória por ele assinada, ele diz: “isso daí é teoria da conspiração, porque ninguém acredita nisso”. A prova não vale nada mais: a opinião é que vale porque as pessoas têm medo de ficar sozinhas. Quando o ser humano tem medo do isolamento é porque a capacidade que ele tem de acreditar em Deus acabou. Você quer um sujeito mais solitário do que Jesus Cristo no alto da cruz, quando ele sentiu que até Deus Pai o abandonou — “Deus Pai, por que você me abandonou?” —, sem ninguém; todo mundo ali em volta está contra; os discípulos fugiram, deram no pé; a mãe dele, chorando lá embaixo, não pode fazer nada? E Deus Pai, cadê? Puxa, é o último e agora não tem nem esse? Isto é o modelo da nossa civilização. Esta capacidade de ficar absolutamente sozinho, sentindo-se desamparado até por Deus, é o essencial no ser humano e é o que garante a

objetividade do seu conhecimento. Na verdade você não vai estar sozinho: Jesus Cristo jamais foi abandonado por Deus Pai; apenas, naquele momento, Nosso Senhor Jesus Cristo deixou de ver por uma fração de segundo.

Sem a coragem intelectual vocês não vão a parte alguma; e, durante longo tempo, é preciso desenvolvê-la. Isso é mais importante do que o volume de conhecimentos que vocês vão obter. O volume de conhecimento é a coisa mais fácil do mundo de se obter, vocês não imaginam como; depois que você já está enquadrado, que sua personalidade está apta a isso aí, você descobre o que você quiser quase que instantaneamente e a sua capacidade de absorção de conhecimento é muito grande. A Isabela é minha testemunha, ela já me viu fazer isto: pegar um livro e em dois dias ler o livro inteiro, fazer um resumo do livro; em um, dois dias. Todo mundo pode fazer isso — para ler um trabalho acadêmico médio, você não precisa de mais de um ou dois dias —, você pode chegar a absorver um livro por dia, como Goethe, sem dificuldade, sem drama e sem esforço. Dá para fazer isso.

Tudo depende do seu começo. Você tem que permanecer perto daquilo que em você está vivo e é real; é só isso, porque é dali que vem a fonte de tudo. Você tem de aprender que a sua consciência tem um centro, o qual não é expressável em termos de auto-imagem; ele não pode ser apreendido e de certo modo ele não pode ser conhecido porque ele é você mesmo. Esse centro não é para ser conhecido, é para ser realizado: é ali que você tem que estar e para isso você vai ter que jogar fora tantas auto-imagens, tantas idéias erradas que você tem sobre você mesmo; praticamente você tem que jogar todas. Quando chegar a hora em que você disser: “não preciso mais saber quem eu sou; não me interesso mais por mim; eu quero saber alguma coisa!”, aí você entendeu o que é o ser humano, entendeu o que é você.

Muito bem, vamos ver mais algumas perguntas aqui.

[Intervalo]

Eu queria ler aqui pelo menos alguns trechos de uma carta. É uma carta muito longa e eu vou selecionar alguns pedaços que me pareceram muito interessantes:

Aluno: Professor, eu tenho estado preocupado com o meu nível moral. Vejo que sou muito cego sobre aspectos do meu próprio comportamento pessoal e quando penso que entendo as conseqüências de pequenas atitudes que tenho para com pessoas ao meu redor, os fatos me mostram que eu estava totalmente enganado, que eu não tinha domínio algum da situação. Tenho me preocupado muito com isto porque isto me impossibilita de ser o autor de qualquer trabalho intelectual ou artístico de relevância. **[1:30]** *Se minha consciência pessoal moral é muito reduzida, lançar algum trabalho intelectual de alguma importância, como o senhor espera que todos os alunos do Curso de Filosofia Online o façam, seria uma tremenda irresponsabilidade.*

Olavo: Isto aqui é fundamental! Este cidadão aqui está percebendo o miolo deste curso. Ele está muito próximo daquilo que eu estou dizendo. Você tem de buscar, em primeiro lugar, a transparência a si mesmo. É claro que você nunca vai obtê-la integralmente; a consciência humana tem altos e baixos, ela é cíclica, como tudo no mundo. Você se aproxima dela, depois perde; a vida inteira você vai passar neste processo. O negócio é simplesmente insistir persistentemente e não se conformar apenas com um estado de mentira confortável. Que verdade pode descobrir no mundo exterior o sujeito que não está capacitado, que não está adestrado para aceitar a verdade sobre ele mesmo? É tudo disfarce; é tudo camuflagem. Oitenta por cento — ou noventa, sei lá quanto — do que circula, por exemplo, em livros, em ensaios acadêmicos etc., é apenas camuflagem de personalidades capengas; não é uma sincera busca da verdade porque você não vai chegar à perfeição nisto aqui: esta perfeição não existe.

Eu às vezes fico muito assustado quando vejo aqui nos EUA como o pessoal cristão — sobretudo protestantes — é rigoroso e até opressivo em exigir das pessoas uma boa conduta em todos os domínios da vida. Descobriram um político num bordel: acabam com a carreira dele! Pastor protestante teve lá um caso com a empregada: acabam com a carreira dele! Tudo isto é baseado numa idéia de perfeição quantitativa que Deus jamais esperou do ser humano. Será que Deus considerou perfeitos Davi, Salomão, ou Abraão, sabendo de todos os pecados deles? Será que Ele ignorava os pecados, ignorava as imperfeições? É claro que não. Só que Ele olhava esses seres humanos pelo conjunto, pela totalidade e com o senso de proporções, que é a própria definição da justiça. As pessoas esquecem que justiça significa equilíbrio; e equilíbrio significa proporção. Dentro da personalidade total cada coisa tem um peso relativo e às vezes os defeitos, os vícios, se encaixam dentro daquele conjunto de modo que eles ficam neutralizados pelo conjunto. É isso que Deus busca, não a perfeição quantitativa. Perfeição quantitativa só Ele tem, nós não podemos ter isso. Nós podemos ser uma imagem da perfeição divina. E esta imagem é construída com as próprias imperfeições humanas. Quando Agostinho dizia que as virtudes são feitas da mesma matéria dos vícios, ele estava dizendo exatamente isto: com toda aquela matéria imperfeita, nós vamos construir uma forma total que vai aproximar você cada vez mais da verdade. Se você exige a perfeição quantitativa em todos os casos, se fica com a lista dos pecados para ver se o sujeito cometeu algum, você vai é abortar o processo; não só no indivíduo, como na sociedade.

Eu lembro quando pegaram aquele pastor Jimmy Swaggart num puteiro e fizeram o sujeito se confessar em público. Qual é o benefício que isso trouxe? Isso escandalizou milhões de pessoas, muitas almas foram perdidas com isso. Neste ponto a Igreja Católica é muito mais sensata: ela chama o cara no privado e diz: “olha aqui meu filho, você vai fazer penitência, não faça mais isso e procure se corrigir”. O padre Pio de Petralcina — o Santo Padre Pio de Petralcina — recomenda como penitência fazer o bem, fazer o que é certo; se você fez o negócio errado, faça agora o que é certo. Penitência não é você ficar se flagelando, ficar se autodestruindo, pois aí o arrependimento fica muito próximo

de um negócio diabólico que é o remorso, que significa remorder-se: o cara fica mordendo a ferida e não a deixa curar. Se você fez o errado, faça o certo; se fez o mal, faça o bem: essa é a verdadeira penitência, só isso. Não fique na agonia, na angústia, nem dois minutos.

Tem muita coisa na vida que eu não consigo aprender, mas essa eu aprendi: quando eu faço um treco errado eu fico infeliz? Não, eu fico feliz porque eu sei que eu rezo, Deus vai me perdoar e vai ficar tudo ótimo. Então às vezes eu penso que não adianta querer estragar as coisas; Deus vai consertar de novo! Quantos teólogos... São Tomás de Aquino falava da culpa feliz de Adão, que é onde começa o processo da redenção. Nós temos que pensar a mesma coisa para nós. Você tem de abdicar da perfeição quantitativa. Você vai cometer um monte de pecados, mas o que importa não são esses, um por um, mas o conjunto do negócio: que esse seu pecado sirva para melhorar você no conjunto; que você medite a respeito, entenda como é que você foi parar naquilo. Tente fazer o bem para você mesmo.

Aqui tem uma pergunta: A Roxane me perguntou qual a diferença entre você ficar feliz por que Deus vai te curar do teu pecado e você tentar a Deus. A diferença é o seguinte: quando você tenta a Deus, a iniciativa do negócio parte de você, ou seja, é você quem está fazendo, é você quem está forçando Deus. Outra coisa é você saber, de novo, de novo, e de novo... A palavra perdão não é bem a palavra certa. Só se você pegar no sentido original, *per donare*, este *per* significa completar, significa a noção de totalidade, ou seja, Ele vai completar o dom. Ele tinha lhe dado alguma coisa, mas não tinha lhe dado completamente. Como você pecou, agora Ele vai lhe dar mais um pouco. Esta é a realidade das coisas e contar com isso não é tentar a Deus. Sinceramente eu acho que pode haver muitas virtudes no mundo, mas eu acho que não existe virtude maior, a que Deus goste mais, do que a virtude de você ter adoração a esta capacidade que Ele tem de perdoar, e você ficar maravilhado diante disto. Mas se você começa a se preocupar quantitativamente com os seus pecados, você vai cair numa mesquinharia com você mesmo e com os outros, que vai destruí-lo.

Um dia eu li um artigo do David Kupelian em que ele dizia que os cristãos estão levando a pior porque eles pecam muito. Que é isto? Até parece assim: Deus julga o fiel, o cara dedicado, com mais severidade do que Ele julga os maus. Isto é gnosticismo. Se você crê em Deus e tem esperança Nele, Ele vai julgá-lo com infinita mais benevolência do que Ele julga o inimigo Dele. Por mais que você peque. Isto é uma coisa simples. Agora se você pensa assim, quanto mais perfeito você fica, mais Deus vai espremê-lo para você ficar mais perfeito, mais perfeito. Você acha mesmo que é isso? **[1:40]** Deus está fazendo guerra assimétrica com você. Ele favorece os maus e sacaneia os bons. É isto que você está querendo dizer? Isto aí é um dos elemento perversos da nossa cultura e isto acontece sobretudo no meio protestante, no meio evangélico. Por quê? Porque como eles aboliram um monte de sacramentos, tiveram que carregar nas tintas do

moralismo, da moral. É uma compensação, eu até entendo que façam isso. Mas hoje em dia isto aí chega em excessos terríveis. Não é para fazer isso publicamente e muito menos não é para fazer isto com você mesmo.

Em primeiro lugar, desista desta perfeição quantitativa. Você não vai ter isto. Esqueça. Peça para Deus, faça que aqui no conjunto fique bonito na Sua frente, apesar dos defeitos, este, este..., e este. Eu posso estar errado, mas me parece que é a coisa mais sensata a fazer. Agora, esta consciência a que se refere o aluno, ou seja, eu não entendo o que eu estou fazendo, eu penso que estou dirigindo as minhas ações direitinho, mas não estou. Isto daí você tem de perceber de novo, de novo ..., e de novo. Até que chegue um dia no qual você comece a ter uma visão mais exata dos seus fatores de dependência e independência. Você fica sabendo todos os fatores externos que pesam sobre você e você vê qual é a pequena margem de controle que tem. Nós temos uma pequena margem de controle, mas ela é muito pequena. Na maior parte dos casos nós não somos senhores de nós mesmos. A nossa liberdade existe, mas ela só é exercida num pequeno domínio. Mesmo o mais tarimbado, o mais experiente de nós tem muito pouco autocontrole. Você só começa a ter o autocontrole quando você transfere o seu autocontrole para Deus. Não é você que vai controlar, é Ele. É a mesma coisa que dizer: eu não sei o que eu estou fazendo, quem sabe é Deus, Ele está me administrando. A hora que você começa a ter consciência disto a coisa começa a funcionar.

Aluno: Em primeiro lugar, parabéns pelo primeiro ano do Seminário de Filosofia.

Olavo: Obrigado.

Aluno: Estou no barco desde que ele zarpou. Pelos benefícios que ele já me proporcionou e pelos resultados que vejo nas perguntas e nos comentários dos colegas de curso, posso prever o quanto nós alunos vamos evoluir intelectualmente nos próximos anos.

Olavo. Nós temos muita coisa para conquistar pela frente. Inclusive, ao longo do tempo vocês verão que estas atitudes fundamentais perante a vida que eu sugiro para vocês, elas irão se transformar naturalmente nas técnicas filosóficas, sem preciso muito esforço. As técnicas não passam de artifícios que nós usamos para nos manter próximos da nossa consciência e não deixar que os conceitos se coisifiquem e se transformem em fetiche para nós. Toda técnica é isto. Mais tarde nós vamos usar o livro *O Tratado de Metodologia Dialética* do Louis Lavelle e vocês verão que esta presença consciente do ser humano a si mesmo, este permanente estado de confissão é a condição absolutamente necessária para o exercício da técnica filosófica. Eu vou ler daqui a pouco mais um pedacinho

daquele texto chamado *Testemunho* do Louis Lavelle e vocês verão que as coisas são exatamente assim.

Aluno: Ainda não sei bem de que forma, mas estou conseguindo compreender algumas coisas que antes nem imaginava e acredito que isto está relacionado com o desenvolvimento da minha percepção. Sinto que as aulas e os exercícios do curso online estão conseguindo elevar a minha concentração e a minha capacidade de observar o rio que corre pela minha imaginação. Esta atenção tem me trazido bons resultados, mas muitas vezes fico com receio de estar criando estas imagens.

Olavo: É claro que você está criando estas imagens. É você mesmo que as cria. Toda imaginação é criada por nós. O milagre é o seguinte: ela é criada segundo a estrutura do mundo real. Isto que é a coisa mais fantástica. Você está imaginando as coisas, mas as está imaginando como elas são. É isto que Leonardo Da Vinci chamava de imaginação exata. É uma fantasia, mas é uma fantasia exata que corresponde à realidade. A imaginação é o mais poderoso instrumento de conhecimento da realidade que nós temos. E tudo depende de como você a usa.

Aluno: Minha dúvida, ou melhor, uma delas é como distinguir os fatos revelados pelas realidades das criações mentais que eu faço sem perceber, como separar o joio do trigo?

Olavo: Não se preocupe com isto ainda. Tudo o que você imagina, tudo que passa por sua fantasia é verdade de algum modo. É questão de você apenas saber o modo. Não se trata de você separar do verdadeiro o que é falso. Nada ali é integralmente falso. É como em poesia. Você pega um poema, você pode decompô-lo em vinte, trinta camadas de significado. Cada uma destas camadas diz algumas coisas e algumas destas coisas são verdadeiras e outras são falsas. Mas no conjunto o poema não é nem verdadeiro e nem falso. Ele é verdadeiro na medida em que ele é adequado e transmite a experiência efetiva e você se reconhece naquilo.

O que importa na imaginação não é saber agora o que corresponde à verdade ou não. Porque para chegar do imaginário à verdade você precisa interpretá-lo e decompô-lo em camadas de significado. Este é um trabalho analítico que você só fará muito mais tarde. Por enquanto não interessa a verdade objetiva da imaginação, mas a sua sinceridade e a transparência que aquilo tenha para você. Claro que eu não estou sugerindo que passe o dia inteiro sonhando, porque o fluxo da percepção também está aí e no fluxo da percepção vem junto o da imaginação. A imaginação está continuamente solidária com a percepção e vice-versa. É isto que eu estou querendo que vocês acompanhem, para perceberem o

número de vezes em que estão imaginando a coisa e imaginando da maneira mais exata possível, e para perceberem que sem este trabalho de imaginação não se poderia perceber nada, nada,..., nada.

Veja o número de ações que se pratica num dia e que depende de uma antecipação. Se isto tudo fosse pura invenção da nossa mente, — na verdade é uma invenção que está co-proporcionada à realidade — se a sua capacidade de antecipação falhasse você não duraria dez minutos. Ou seja, não conseguiria falar, não conseguiria se comunicar, pois tudo é baseado nisto. É claro que a antecipação às vezes falha, como tudo no mundo, porem ela não falha geralmente e isto que é a coisa extraordinária. Em cima daquilo que você está materialmente percebendo, você está tecendo um conjunto de relações e este conjunto de relações existe mesmo e na quase totalidade das vezes você está pegando aquilo certinho. Uma das condições para isto é você não tentar dominar este processo com a sua vontade. Eu estou falando para você curtir o processo e não para dominá-lo.

Por exemplo, minha mulher é uma pessoa muito educada e ela sempre vive preocupada se o que a gente fala vai ofender, se vai magoar as pessoas etc. etc. Eu sempre digo para ela que pensar isto é inútil. Porque quando você começa a pensar isto aí, você está tentando já dominar antecipadamente de modo consciente toda a reação que o outro vai ter e isto vai acabar com a sua flexibilidade na hora. O que você tem de fazer? Você tem de dizer as coisas com a melhor das intenções e se na hora a pessoa for interpretando errado você já vai corrigindo, é só isto. Agora, se você fica preocupado antecipadamente você já está querendo montar um esquema e enquadrar a pessoa naquele esquema. Portanto, você está querendo dominar a outra pessoa e isto já é má intenção. **[1:50]** Por isso eu jamais me incomodo se as pessoas vão ficar ofendidas com o que eu estou falando. Por quê? Se o sujeito ficar ofendido, mas a minha intenção era ofendê-lo mesmo, deu tudo certo! Se o sujeito ficou ofendido e não era minha intenção ofendê-lo, das duas, uma: ou ele está fantasiando coisas ou eu errei em alguma expressão. Se eu errei, eu corrijo imediatamente, não há nenhum problema...

Não tente controlar a antecipação, porque ela já existe e ela já funciona desde que você nasceu. Este é um processo interior que você somente tem de conhecer. Este processo não foi feito por você. As imagens são inventadas por você, mas o processo, ou seja, a existência dele, a capacidade não foi feita por você. Foi Deus quem lhe deu esta capacidade e ela é uma coisa maravilhosa que o ser humano tem. Quando você a perde é que você percebe; às vezes quando o sujeito está muito deprimido, ele perde esta capacidade antecipatória por instantes e é horrível. Você se sente reduzido a sua própria presença corporal. E o lugar onde você está fica parecendo como se fosse o seu túmulo. Você está ali e para sempre e aquilo é tudo o que existe. E os objetos mortos ficam na sua presença e eles já

não lhe dizem nada. Isto dura poucos segundos. Se durasse mais do que isto a gente morreria louco. O que é isto? É a privação da capacidade antecipatória; é a privação da imaginação. No caso da depressão acontece uma coisa chamada desimaginação.

Hoje em dia o processo de desimaginação é passado para as pessoas como se fosse educação. Ou seja, você não pode antecipar certas reações porque, às vezes, é proibido; certamente vai pegar mal. Portanto, você tem de fazer de conta que não sabe. É claro que isto destrói não só a inteligência das pessoas, mas a sua própria alma. Uma atenção excessiva, nas normas de polidez no vocabulário, mata esta capacidade. É através da linguagem, ou seja, a língua é uma só para todos e é um produto coletivo histórico. Mas, é através dela que nós conquistamos a nossa autenticidade a nossa identidade e a nossa capacidade de expressão pessoal. Isto quer dizer que a língua tem de circular entre o externo e o interno com certa flexibilidade, certa liberdade. Você tem de sentir à vontade com a língua. Por exemplo, eu odeio dar conferência em língua estrangeira, porque daí eu tenho que pensar qual palavra eu vou usar. Não tenho a espontaneidade. Posso me explicar numa língua estrangeira, mas eu não gosto de pensar na língua que eu estou usando, eu gosto de pensar no objeto do qual eu estou falando de modo que as palavras apareçam sozinhas. Numa língua estrangeira isto não acontece e você perde a espontaneidade e, naturalmente, a qualidade do seu pensamento diminui.

Se existe uma pressão externa para que você não diga certas coisas, não diga de certa maneira etc. etc. Este fluxo da linguagem entre o externo e o interno fica interrompido e você perde a capacidade de fazer da língua o seu contato com o mundo exterior. Daí você só consegue dizer aquilo que os outros querem que você diga. Na medida em que controlam o seu vocabulário, controlam também aquilo que você pode pensar e pode perceber. Você acaba deixando de perceber aquilo que você não pode dizer. Nunca existiu uma pressão controladora da linguagem como hoje, uma coisa medonha!

Aluno: Por volta de 2004, depois que eu li alguns artigos do Jeffrey Nyquist e do Paul Willians e tentei comentar sobre isto com pessoas conhecidas, percebi o quão difícil é para a maioria das pessoas discernir a diferença entre uma versão de tramas políticas cuja crença se justifica mediante as informações obtidas e as versões da sub-cultura como aquelas coisas sobre OVNI`s e outras formas de desinformação em que existe uma postura cognitiva obtusa. Ocorre que eu percebi que mesmo não sabendo a priori sob a veracidade de cada uma das versões, existem propriedades na própria estrutura narrativa e mesmo nas condições que caracterizam a fonte destas informações que possibilitam a distinção de uma versão da outra.

Olavo: É isto mesmo! Por exemplo, se você tenta mostrar para as pessoas que existe um processo de tomada do poder através da cultura, da ocupação de espaços etc. etc. As pessoas dizem que isto é uma teoria da conspiração. E aparece outro sujeito que diz que existem extraterrestres que estão tomando o planeta terra. As pessoas têm a mesma reação perante as duas coisas. Elas acham que é tudo teoria da conspiração. O aluno diz o seguinte: as pessoas confundem estes dois níveis. Uma coisa é quando você está demonstrando algo de maneira razoável com fatos, e outra coisa quando você está inventado conspirações. Ele diz que existe uma diferença na própria estrutura narrativa. Não se precisa conhecer o conteúdo das informações todas para você perceber se está ouvindo uma coisa razoável ou absurda, mas esta distinção escapa das pessoas.

Uma coisa é você dizer que existe uma trama política e uma organização por trás que está comandando os acontecimentos e fazendo acontecer isto e aquilo. Outra coisa é você dizer que existe um processo destes em curso, mas não por meio da ação política organizada e sim por meio da influência cultural, da impregnação cultural, como o processo da criação de coelhos do Vilém Münzenberg, onde você manda três pessoas fazerem uma coisa e você sabe que no dia seguinte três mil estarão fazendo. Você não tem controle sobre essas três mil. Em geral a imaginação dos indivíduos é muito limitada, eles não são capazes de perceber a diferença que existe entre uma conspiração direta que implica a linha de comando perfeita em todos os escalões, e a ação por impregnação cultural. Eles entendem esse negócio gramsciano, por exemplo, como se fosse conspiração, e concluem que a gente está fazendo teoria da conspiração. Isso acontece. A pessoa não entende do que se trata porque ela só é capaz de conceber a ação política de modo conspiratório, não por impregnação cultural. Daí quando ouvem falar do processo gramsciano pensam que é conspiração, e como não acreditam em conspirações, negam que aquilo existe. Este é o caso, por exemplo, desse pessoalzinho do Janer Cristaldo, esses idiotas todos são assim, eles não estudaram o assunto para saber como é a ação por meio da impregnação cultural, e dizem “ah, eles imaginam que os gramscianos estão tomando o poder”. Eles estão mesmo, mas não pelos meios que eles imaginam, e sobretudo eu não estou supondo os meios que eles imaginam, estou supondo outros meios completamente diferentes que estão infinitamente acima da sua capacidade de compreensão.

O que o autor da pergunta diz aqui é o seguinte: a própria estrutura narrativa de uma denúncia séria é diferente de uma teoria da conspiração no sentido vulgar da coisa. Claro que é diferente. Mesmo porque a teoria conspiratória, no sentido vulgar, é monstruosamente coerente em todos os seus pontos, pois como foi tudo imaginado o sujeito tem o domínio de todos os dados. Nós, como estamos lidando com a realidade, só temos uma parte dos dados, por isso não podemos oferecer uma descrição completa. Como a nossa descrição é incompleta, nós somos obrigados a trabalhar com conjecturas, e sabendo qual é o nível de realidade que existe e o nível de conjecturação com que estamos completando os dados. Mas o indivíduo que acredita realmente em teoria da conspiração, no sentido popular da

coisa, acredita que tem todos os pontos. A versão dele é monstruosamente coerente, e a nossa não pode ser, não há esse nível de coerência na história.

[2:00] Curiosamente, o tipo de exigência que se faz quando você apresenta essas coisas é a de uma coerência total. É exigido que você apresente uma realidade, incompleta como toda realidade, e o sujeito não acredita porque aquilo não tem a coerência total de uma obra de ficção. Justamente o motivo que seria de não acreditar se torna o motivo de credibilidade. E isto porque na sociedade de massa todo mundo pode ter uma opinião, e pessoas monstruosamente incapacitadas opinam. A maior parte dos formadores de opinião hoje são pessoas totalmente incapacitadas. Por exemplo, um Hélio Schwartzman, um Emir Sader, um Luis Fernando Veríssimo, essas pessoas não têm capacidade de opinar sobre nada, nada. Eles não sabem nada, nunca estudaram nada seriamente, nem por dois minutos. E no entanto estão aí dando opinião o tempo todo. Claro que isso faz um mal às pessoas, porque esses camaradas se tornam juízes do que é verossímil ou inverossímil, quando na verdade eles não têm a menor capacidade para isto. Isso quer dizer que freqüentemente os critérios de julgamento aparecem invertidos. Por exemplo, você explica que está acontecendo tal coisa assim, assim, e o sujeito diz “mas como é que você explica isto, como é que você explica aquilo e aquilo outro?”. Não tem explicação, ou seja, a gente conhece partes da realidade, e por essas partes você supõe certos elos de causa e efeito, que em muitos casos são absolutamente necessários, sem os quais aquilo não poderia acontecer, mas que você não viu materialmente. O nível de exigência de provas que as pessoas têm é o da prova integral com todos os detalhes, o qual só existe na ficção. Eu creio que esse seja um dos elementos que o aluno está percebendo, é uma estrutura narrativa diferente.

A invencionice é necessariamente muito mais coerente do que a realidade. A realidade tem densidade, tem tridimensionalidade, tem um aspecto tensional que a ficção não tem. A ficção é muito explicável. Vou dar um exemplo: nesta semana eu estava lendo um comentário sobre esse livro da Frances Stonor Saunders, publicado no Brasil com o título *Quem Pagou a Conta?,* onde ela mostra que depois do golpe de 64 a Fundação Ford chegou para aquela turminha que tinha sido demitida da USP — Fernando Henrique Cardoso, Gianotti e outros — e deu um dinheiro para eles fundarem o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). Eles tinham dinheiro a rodo ali. Conclusão da sra. Saunders — e do Sebastião Néri, que é o jornalista que noticia isto— : isso aí foi uma ação da CIA para promover a guerra cultural contra a esquerda latino-americana, porque nessa época, diz ela — e o Sebastião Néri endossa —, a CIA era o verdadeiro Ministério da Cultura dos EUA, que coordenava toda a cultura ali. Mas isto é estranho! Esse pessoal só produziu material anti-americano o tempo todo, a Fundação Ford só financia coisas anti-americanas, e a produção cultural americana é 99% anti-americana. Então a CIA é o Ministério da Cultura exatamente como a KGB na URSS, só que ao contrário: a KGB só produzia coisa a favor da URSS e contra os EUA; e aqui nos EUA se produz contra os EUA e a favor da URSS. A história que ela conta é coerente com as expectativas das pessoas, porque elas têm aquela idéia de que existe o imperialismo americano, que

controla tudo, e, portanto, a Fundação Ford deveria estar agindo para a CIA, que deveria estar agindo para o imperialismo americano, para dominar a América Latina e colocar tudo sob o tacão dos EUA.

Ora, quando nós dizemos que a Fundação Ford só financia comunista no mundo inteiro, eu não tenho uma explicação integral para isto. Há uma tensão aí. É um dinheiro que sai de uma empresa capitalista e que está financiando a destruição do capitalismo. Mas por que essas pessoas fazem isto? Eu não sei e não sou obrigado a saber. Eu só sei que não faz sentido você deduzir que como a Fundação Ford é capitalista tudo que ela faz tem de ser a favor do capitalismo. Isso é coerente demais para ser verdadeiro. A verdade não tem essa linearidade, existem as contradições e dificuldades, existem enigmas, e existe sobretudo a ocultação, quer dizer, informações que você não tem. É claro que a versão fantasiosa dessa sra. Saunders parece muito mais verossímil , porque ela é coerente, não só com ela mesma mas com as expectativas do distinto público. Só que é falso.

Você está na pista certa.

Aluno: Sinto muitas vezes a necessidade de revisar e aprofundar meus conhecimentos sobre História – Iluminismo, Revolução Francesa, guerras mundiais etc. Apesar de sempre ler três ou quatro livros simultaneamente, fico às vezes dividido entre o que focar. Estou lendo neste momento Louis Lavelle, Santo Agostinho, Dostoievski e Johan Huizinga. Sinto a necessidade de um plano de estudos.

Olavo: Não tem plano, não. Geralmente não tem plano. Isto aqui a gente tem de fazer não como um plano, mas como um jogo de xadrez. No jogo de xadrez você tem um esquema total, você nunca sabe qual vai ser a próxima jogada, você sabe mais ou menos, porque o que você está fazendo tem uma coerência, mas essa coerência tem de se aliar a uma boa capacidade de improviso.

Eu sugiro que nesta fase vocês não leiam muito coisas que requeiram de vocês uma desconfiança, uma análise crítica. É melhor ler agora só coisa que vai lhe fazer bem, os grandes clássicos da filosofia, da literatura. Livros como esse que eu falei da sra. Saunders requer outro tipo de enfoque. Livros sobre a atualidade política são uma coisa altamente problemática porque para cada um que você lê, você tem de ler outros noventa e nove. Por exemplo, você lê um livro sobre a CIA, bom, você não pode entender nada do que a CIA faz se você não entender o que a KGB está fazendo, e vice-versa. Por hipótese, a descrição de um conflito só faz sentido se o conflito tiver dois lados, e se as ações de um lado puderem ser explicadas pelas do outro. Como é que você vai descrever uma luta de boxe abolindo um dos lutadores? Não é possível.

Esses livros sobre serviços secretos etc., têm de ser articulados. Se você ler um sobre uma coisa você tem de articular com outro, a não ser que o próprio autor faça isso. Isso aí requer outro tipo de coisa, a investigação em história

contemporânea é um pepino. Nós vamos chegar lá, mas por enquanto não é disso que se trata, e sim de desenvolver em vocês uma atitude que lhes dê força cognitiva. Esse que é o negócio. Só leia o que vai lhe fazer bem, só leia o que você pode deixar impregnar em você sem danos. Por isso vamos ficar nos clássicos. O que você está lendo está muito bem, Louis Lavelle, Santo Agostinho, Dostoievski, Huizinga, está ótimo. Não se preocupe com plano não.

Aluno: Qual o papel e a importância desse conhecimento histórico em nosso curso de filosofia?

Olavo: A importância é muito grande, mas nós vamos botar ordem nisso depois. Mas para botar ordem é preciso no que botar ordem. Você consegue arrumar uma casa antes de comprar os móveis? Está lá uma sala vazia, vamos arrumar. Mas não tem o que arrumar ali. Primeiro você compra um monte de bagulho, põe lá dentro e vê como distribuir aquela coisa lá. Com a sua imaginação é a mesma coisa. Você precisa ter a coleção de figurinhas. Na maior parte dos casos ela se arruma sozinha. Mas o importante **[2:10]** agora é estar aberto a essas coisas , e , como eu disse, não está no momento de proceder à análise crítica, por enquanto nosso negócio é impregnação e memória, não esforço de memória, e sim abertura para a memória. Portanto, se o interesse não aparece sozinho você pode criá-lo mediante aqueles artifícios que eu ensinei na última aula, quer dizer, você vai preenchendo aquilo de conteúdo e montando o drama, monte sempre uma peça de teatro, monte um conflito, uma guerra na sua cabeça.

Aluno: Serão publicadas as obras do Lipót Szondi pelo Seminário?

Olavo: Pelo menos uma seleção de escritos dele, que foi aquela seleção feita pelo falecido Dr. Juan Alfredo César Müller, acrescida de outros textos, porque é um livro pequenino. Pelo menos isto nós vamos publicar.

Aluno: Fiz uma tremenda besteira esta semana. Não tendo entendido muito bem o que o sr. pediu na última aula sobre o texto do Joseph Maréchal, entupi-me de leitura na biblioteca da escola e acabei me estrepando. Consultei Reale , Scheler, Comfort, pesquisei alguns fragmentos dos pré-socráticos e terminei por perder o objetivo do estudo.

Olavo: Não, não. É para achar uma ou duas frases de cada um. Você monta o palco na sua cabeça, o cenário daquilo que o Joseph Maréchal está tentando descrever, ou seja, há uma contraposição de duas visões do ser absolutamente opostas, e o panorama ainda é complicado pela proliferação de sistemas cosmológicos diferentes, um dizendo que tudo vem da água, outro dizendo que

tudo vem do fogo. É só isso aí, é só esta cena que é para montar, você não precisa saber os pré-socráticos inteiros.

Aluno: Para preencher esse conteúdo seria necessário adquirir um dicionário filosófico?

Olavo: Eu creio que um dicionário filosófico seria mais do que suficiente para você obter o material daquilo. Pegue o dicionário do Ferrater Mora e pegue ali os nomes daqueles filósofos, e você vai ver que logo você vai achar dentre as muitas coisas que cada um daqueles filósofos falou a frase pertinente àquela situação, que será justamente o script dele na peça.

Aluno: A capacidade de completar a percepção pela imaginação não viria da memória, por experiências anteriores, que registrou que as coisas têm outro lado?

Olavo: Sim, é verdade isso, mas como você registrou algo na memória a primeira vez? Se não houve uma primeira vez não pode haver uma segunda. Tem até um escrito meu onde eu comento isto, reportando de novo ao livro do Louis Liard. Eu não acredito que praticamente nada no aprendizado humano venha efetivamente por indução. A indução é o método de você testar conhecimentos, e não o método de adquiri-los. Por exemplo, como é que nós formamos os conceitos universais, os conceitos das espécies? Responde o Louis Liard — e com ele praticamente toda a psicologia experimental francesa (e tem muita gente que acredita nisso até hoje) — que nós pegamos vários objetos parecidos e montamos a espécie. Muito bem, você faz isso por comparação, mas o quê do primeiro objeto você compara com o segundo objeto? Por exemplo, você quer formar o universal gato: você pega a cor do primeiro gato e o formato do segundo gato, ou a posição do gato, ou a ação do gato? Aqui tem um negócio que é preto e lá tem outro negócio que está miando. É isto que você faz? Não, você compara o correspondente com o correspondente, a cor com a cor, o miado com o miado, a posição com a posição, e assim por diante. Você não poderia fazer isto se você já não tivesse apreendido o primeiro gato como forma, e esta forma é a essência do gato.

Quando você vê um objeto, a primeira coisa que você percebe dele é a essência dele; depois, quando você vê um segundo objeto parecido, você pode testar se esse objeto pertence à mesma espécie do primeiro ou não, mas você precisa pegar o conceito da espécie já no primeiro, senão você jamais conseguiria compô-la. Portanto nada foi obtido por indução. Por indução você pode corrigir possíveis erros, mas você não pode aprender por indução. Nós aprendemos por apreensão imediata das essências, senão não conseguiríamos aprender nada jamais. Mesmo porque se você pegasse uma qualidade isolada de um e comparasse com outra qualidade isolada do outro, o número de objetos nos quais essas mesmas qualidades apareceriam seria praticamente ilimitado. Por exemplo, o primeiro

gato era preto, imagine o número de coisas pretas que tem para você comparar; o café, por exemplo. Então vamos dizer que o gato é uma espécie de café.

Se você fosse compor a imagem das espécies por experiência de similaridades, das duas uma: ou você está comparando formas integrais, e, portanto, essências; ou você está comparando qualidades isoladas. Se comparasse qualidades isoladas, você jamais poderia terminar. Então compara formas integrais, que são essências. Note bem, outra coisa muitíssimo interessante, no primeiro gato que você vê, não vê só a forma do gato, mas já percebe instantaneamente um conjunto de possibilidades que ele tem. Isto é instantâneo. Por exemplo, quando você vê o gato, já sabe que ele não voa, e se você vê um passarinho, é normal que ele voe. Não por experiência; a experiência jamais poderia lhe dizer isso. É pela coerência da forma: isto é muito importante. Esta forma deste bicho que eu estou percebendo permite que ele faça certas ações e outras não, porque a ação tem de ser co-proporcionada com a forma do corpo. Se você vê uma tartaruga, você sabe que a casca da tartaruga é pesada e que ela tem certa dificuldade de andar, que ela anda devagarzinho porque aquilo é pesado. Você sabe instantaneamente. Se você não percebeu isso, você não percebeu a tartaruga. E se você pega um passarinho, você sabe instantaneamente que ele não pesa duas toneladas, pois você percebeu a forma dele, e a forma dele é coerente com as ações que ele está fazendo.

A forma não é só figura, Aristóteles dizia isso. Por exemplo, sobre a noção de forma, *eidos*, ele dizia que uma mão cortada tem figura de mão, mas não tem forma de mão, porque forma é a fórmula da mão, e a mão foi feita para mexer, para agarrar, e se ela não pode mais fazer isto ela não é mais uma mão, ela foi uma mão. A forma é um conjunto de potências, e é isto que nós percebemos, nós não percebemos coisas estáticas às quais depois é acrescentado um dinamismo por experiência. Não, nós percebemos a coisa viva, presente agora. E aquilo que não se move? Tem forma de coisa que não se move. Eu estou vendo uma pia aqui. Eu sei que a pia não se move. O formato dela não é para se mover. Esta percepção é instantânea, e se não fosse instantânea veja o trabalho imenso que nós teríamos para compor a primeira essência.

Chega a ser espantoso um sujeito acreditar que o processo de apreensão dos universais é por indução. Não, o processo lógico de formação dos universais é por indução, mas não o seu processo psicológico real de conhecimento. O processo lógico é um processo normativo, ou seja, o fundamento lógico de certos universais é a indução, mas não quer dizer que o processo pelo qual você o conheceu é o fundamento lógico. É o mesmo que você confundir, por exemplo, a origem do dinheiro com o fundamento da sua validade. Ora, o meu dinheiro tem valor porque tem um governo que reconhece e diz que tem lá **[2:20]** uma base, alguma coisa que justifica, certo conjunto de bens, então o governo reconhece e o governo diz que o dinheiro vale. Basta eu saber isto para ter dinheiro no meu bolso? Não, a origem do meu dinheiro é o meu trabalho, é completamente diferente. Ninguém faz essa confusão na vida diária. Saber o princípio da validade do dinheiro não quer dizer que você tenha dinheiro. Mas em filosofia os caras fazem essa confusão, eles confundem o fundamento da validade de um conceito

com a origem histórica real desse conceito. É uma coisa absolutamente primária, Aristóteles riria de uma coisa dessas, mas no entanto, a partir do século XVIII, XIX, isso se tornou comum, porque o amadorismo se espalhou por toda parte. Esses caras são amadores, nunca foram filósofos. Ninguém pode ser filósofo se não domina as técnicas criadas por Platão e Aristóteles, e essas técnicas pressupõem a qualidade humana correspondente.

Veja, Sócrates morreu pela sua filosofia, e é por isso que ela vale alguma coisa. Não era uma atividade acadêmica, não era uma profissão, era simplesmente a personalidade de Sócrates. Claro que você pode exercer isso também como profissão, desde que seja a sua personalidade também. Agora, se o sujeito não é filósofo efetivamente, mas está exercendo a função de filósofo profissionalmente, ele é um usurpador, um vigarista, um ladrão. Ora, você exige isso de um sujeito que é jogador de futebol, não exige? Pelé, Maradona, Mané Garrincha, você fala que eles têm o futebol no sangue. Não é que eles estão jogando futebol, eles são jogadores de futebol. Eles não estão brincando, não estão fingindo. Por que você não exige a mesma coisa do filósofo? Eu tenho muito orgulho quando meu professor Stanislaus Ladusãns disse “esse menino está na filosofia como o peixe está na água.” Claro, eu não estou aqui para brincar. Se eu não tivesse vocação para isso, eu ia estudar outra coisa. E dizia o José Ortega y Gasset: “serán filósofos todos los que no puedan ser otra cosa”. Se você não pode ser outra coisa, se você está na filosofia porque não consegue sair dali, é isso que você quer; a sua vida é a busca do fundamento do conhecimento, você precisa disso, daí você é filósofo. Agora, se você não precisa, vá fazer outra coisa.

Concluindo, a capacidade de fato veio da memória, mas isso não explica o que eu estou falando, não é por efeito acumulado da memória. A memória só pode funcionar porque você tem a capacidade da apreensão imediata das formas.

Aluno: Se grande parte do que conhecemos não vem da nossa experiência direta, podemos dizer que a base do nosso conhecimento é simplesmente o legado do conhecimento alheio, e por isso se baseia na confiança no que as outras pessoas nos informam?

Olavo: Sem a confiança nada se faz. A verdadeira base do nosso conhecimento é isso que eu estou dizendo, a sua capacidade inata de apreensão total das formas. Porém, você só pode apreender as formas que se apresentaram a você; aquelas que não se apresentaram alguém tem de contar para você. Por exemplo, acontecimentos históricos de outras épocas, você não pode ir lá até a batalha de Waterloo e ver o que aconteceu.

Todo esse aporte histórico é baseado na confiança, a ciência é baseada na confiança. Ou você acha que a cada coisa que um cientista lê a respeito do que os outros fizeram, terá que refazer a experiência? Ele não passaria do terceiro capítulo. A confiança é absolutamente necessária. E veja, é muito difícil que erros graves se consolidem ao longo de muitos séculos, mas é muito fácil que erros

graves se disseminem rapidamente. É difícil que eles durem muito tempo, você pode enganar o mundo inteiro por algumas semanas ou alguns meses, mas fazer com que esse engano dure é difícil, porque o autor do engano morre, e não há mais interesse em manter aquilo. A mentira, para ser mantida, requer um esforço continuado; às vezes não dá para continuar por muito tempo, então a mentira cai com o tempo. Infelizmente às vezes cai quando já não adianta mais. Essas coisas que se disseminam muito rapidamente, em que todo mundo acredita, é para duvidar sempre, principalmente depois que essas empresas de mídia se concentraram. A concentração de mídia é o contrário da liberdade de imprensa. A liberdade de imprensa é baseada na diversidade. Aqui nos EUA, até um tempo atrás, cada cidadezinha tinha dois, três jornais diferentes. Chegam as empresas e vão comprando tudo, e todos começam a dizer a mesma coisa. E esta uniformidade, para muitas pessoas, é prova de veracidade, quando nós sabemos que é exatamente o contrário. Quando há uma uniformidade espontânea, é uma coisa; agora, se a uniformidade está uniforme demais, epa! Está ruim.

Por hoje acabou. Obrigado, e até semana que vem.

Transcrição realizada por: Rodrigo Fernandez Peret Diniz, Milton Nogueira Brando Neto, Eduardo Queiroz, Maurício B. Doval, Leonardo da Costa Ribeiro Torres

Revisão realizada por: Eduardo Afonso de Aguiar, Rodrigo Fernandes, Victor Madera.